

## ECONOMIA CRIATIVA PARA SALVAR O RIO

**A** capacidade de escutar e a necessidade do constante aprender são atributos que procuro exercitar muito antes de meu ingresso na carreira diplomática. Tão fundamentais para esse ofício, essas características são ainda mais valiosas para o exercício do cargo público. À frente da Secretaria municipal de Cultura da capital do Estado, entre 2015 e 2016, tive a oportunidade de conhecer a fundo o cenário desse segmento que reúne correntes e visões diversas. O contato no dia-a-dia com artistas, produtores, diretores e curadores e o aprofundamento do estudo teórico, reforçaram minha visão sobre dois aspectos primordiais da atividade cultural. Um deles está ligado ao aspecto simbólico: sem cultura, sem memória, sem patrimônio, não passaremos de um amontoado de gente coabitando neste pedaço de território chamado Rio de Janeiro. O outro, sobre o qual me dedicarei aqui, diz respeito à economia da cultura.

Ao longo da minha trajetória como gestor público, pude ver de perto o impacto positivo que projetos socioculturais, como o curso de teatro No Palco da Vida, em Olaria, do querido professor Wal Schneider, têm na vida de seus alunos e parentes. Além de abrir novos horizontes longe de influências perversas, a cultura movimenta toda uma cadeia produtiva que talvez seja difícil imaginar estando apenas no papel de espectador. Uma grande produção musical, por exemplo, pode ser responsável diretamente pelo sustento de duzentas famílias. Isso sem contar o bilheteiro, o pipoqueiro, o baleiro, o taxista e tantos outros trabalhadores com os quais nos relacionamos numa simples ida ao teatro.

Além das artes cênicas, há inúmeros outros segmentos desta cadeia produtiva, que vai do setor de jogos eletrônicos ao “design” e à biotecnologia. Levantamento feito pela Firjan em 2015 calculou em 155,6 bilhões de reais a contribuição da área criativa para a economia brasileira. Foi o equivalente a 2,65% do PIB daquele ano. Ainda temos um potencial gigantesco a ser explorado. Mesmo no atual cenário de profunda crise, o setor registrou crescimento, tanto em relação ao desempenho econômico quanto ao emprego de mão de obra. Toda iniciativa ou proposta que busque valorizar e girar esta engrenagem demanda o respaldo da sociedade.

Apesar de sua inegável importância estratégica, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social anunciou recentemente o fim de seu departamento de economia da cultura. Seria de causar espanto não fosse decisão sacramentada no apagar das luzes de um governo impopular e eivado de práticas duvidosas, mais preocupado com interesses mesquinhos, imediatistas e nada republicanos.

Além do combate à corrupção e da atuação efetiva dos órgãos de controle, a solução para o combalido estado do Rio de Janeiro passa pela construção de um consistente plano estratégico para este setor tão dinâmico e essencial, levando em consideração a realidade de nossos 92 municípios, da Baixada Fluminense à Região

Serrana, do Norte à Costa Verde, cujos potenciais criativos são tão vastos quanto pouco explorados. Não podemos mais ficar reféns da indústria petrolífera, ainda mais quando temos imensas oportunidades no turismo e na economia da cultura. Investir nestas duas matrizes é diversificar a atividade econômica e promover o desenvolvimento do Rio e do Brasil.

**Marcelo Calero** é diplomata de carreira. Foi ministro da Cultura, secretário municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro e presidente do Comitê Rio450. É amante do samba, da prosa de Lima Barreto e candidato a deputado federal.